

“Esse quadro leva o próprio mercado a reforçar este-reótipos de gênero, direcionando mais lançamentos de ficção e fantasia ao público feminino, o que pode desestimular ainda mais os leitores homens, criando um ciclo vicioso de afastamento”, destaca.

Segundo Bruna Schlindwein Zeni, isso reforça a ideia de que romances e obras ficcionais seriam fúteis ou “melosos”, o que conflita com expectativas tradicionais de masculinidade. “Ler sobre as experiências e sentimentos de personagens femininas – ou escritos por uma mulher – poderia expor emoções que alguns não se sentem confortáveis em abraçar”, salienta. Isso também é motivo de reflexão para Maria Amélia.

“Na minha opinião, muitos homens só conseguem enxergar e amar o que é feito por homens. Pensam que a literatura feita por mulheres não pode vir a emocionar, surpreender ou fazer refletir. Muitos pensam que só podemos ou sabemos escrever sobre assuntos rasos ou frívolos, água com açúcar”, diz a autora. “Mas ainda bem que há, também, leitores homens muito sensíveis que nos leem com respeito, nos reconhecem e apoiam”, acrescenta.

Além de serem uma parcela inexpressiva do público alcançado por escritoras femininas, o sexo masculino também é protagonista de casos de desrespeito e invisibilização das autoras. Maria Amélia destaca que um exemplo comum é quando entrevistadores focam mais na vida pessoal do que nas obras das escritoras durante a conversa.

Mesmo ciente desse preconceito, Mariana Negreiros afirma que sempre recebeu muito carinho dos leitores, mas passou por uma situação de desvalorização de um homem, que pediu para ela enviar um dos livros dela digitalmente para ele, alegando que não teve gasto com impressão e produção, então não teria nenhum custo para ela enviar gratuitamente a obra. No entanto, a autora entende a situação como uma desvalorização do trabalho dela como arte, não uma questão de gênero.

Apesar da falta de interesse pela leitura no geral, ambas as escritoras concordam que o cenário atual



Maria Amélia Eloi, 51 anos, escreve obras que desafiam os estereótipos de gêneros

está mais propício para as mulheres. “Claro que tem preconceito, mas, atualmente, acredito que está bem mais aberto. Creio que a diferença seja mais no reconhecimento de quem é o autor”, ressalta Mariana. “Por exemplo, quando um livro fica muito famoso e a autora é mulher, as pessoas não veem tanto quem é a autora, então eu acho que está bem melhor.”

De acordo com Maria Amélia, ainda que as mulheres sejam menos lidas e os homens sejam maioria dos jurados nos grandes prêmios literários e nas curadorias em festas literárias, o preconceito estrutural contra a literatura feminina tem diminuído. Essa melhora se dá

principalmente após os anos 1980, com estudos acadêmicos de resgate às escritoras pioneiras, estudos feitos por leitoras críticas sobre autoras contemporâneas, por conta da atuação de grupos coletivos e clubes de leitura que leem só mulheres e por conta da divulgação da literatura feita por mulheres nas redes sociais.

“Os debates sobre igualdade de gênero na literatura estão mais presentes, editoras e prêmios literários buscam dar visibilidade a escritoras, e a nova geração de leitores pode vir a ser menos presa a esses preconceitos”, concorda a fundadora da editora feminista Blimunda, Bruna Schlindwein Zeni.



50%
DE REDUÇÃO PARA
ESTUDANTES
ATÉ 26 ANOS
*Planos presenciais
Não cumulativo

*Se a sua respiração é profunda,
sua concentração também será.*

clube **40%**
DE DESCONTO*

Meditação, respiração e movimento | Aulas presenciais e online

Aceitamos GymPass/WellHub e TotalPass

Escola DeRose Sudoeste | WhatsApp 61 99632-4350 | www.sudoeste.derosemethod.org

**DeRose
Method**